



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15709 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 16 - Educação e Comunicação

CARTOGRAFANDO MOBILIZAÇÕES CIBERFEMINISTAS NO X (TWITTER) CONTRA DISCURSOS/PRÁTICAS HETERONORMATIVOS

Marcelle Medeiros Teixeira - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Dilton Ribeiro do Couto Junior - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

CARTOGRAFANDO MOBILIZAÇÕES CIBERFEMINISTAS NO X (TWITTER) CONTRA DISCURSOS/PRÁTICAS HETERONORMATIVOS

Este texto é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento e tem como proposta discutir as contribuições do movimento ciberfeminista para o campo da educação. A cibercultura constitui-se como a cultura contemporânea mediada pela relação que estabelecemos nas esferas dos territórios físicos com as tecnologias digitais em rede (Santos, 2011). O ciberespaço é um ambiente formativo pela sua capacidade de mobilizar uma rede gigantesca de pessoas de todos os cantos do mundo que acessam, produzem e compartilham informação (Lemos, 2010). Há, portanto, um redimensionamento no modo como nos relacionamos com as pessoas através do digital em rede, como é o caso dos movimentos feministas, que vêm ocupando o espaço da rede e potencializando suas articulações políticas.

Conforme aponta Ritta (2021, p. 37), o ciberfeminismo é constituído por aquelas/es que “percebem a potencialidade do ciberespaço como forma de existir e de lutar”. Esses sujeitos, majoritariamente mulheres, além de se organizarem nas ruas, passam também a ocupar o ciberespaço como um lócus potente para resistir e questionar uma extensa pauta política que inclui “salários equiparados, licença-maternidade, direitos sobre o próprio corpo, direitos sexuais e reprodutivos (incluindo a luta pela descriminalização do aborto), proteção contra a violência doméstica, o assédio sexual e o estupro” (Melo; Thomé, 2018, p. 20). As práticas ciberfeministas, portanto, vêm se desenhando como uma política de enfrentamento aos discursos/práticas heteronormativos, responsáveis pela desqualificação de determinados

grupos de sujeitos.

A pesquisa é ancorada na cartografia *online*, que entende a rede como um mapa aberto e imprevisível. Buscamos acompanhar as dinâmicas sociais *online* com base no afetamento e no despertar da nossa atenção, elementos fundamentais para a formação da/o cartógrafa/o (Pozzana; Kastrup, 2015). Somando-se a isso, colocamo-nos sensíveis às informações que circulam na rede social X (Twitter), especificamente nas postagens, comentários e *hashtags*. A escolha por esta rede é justificada pela inserção assídua da primeira autora do texto, além de considerarmos um importante palco para a efervescência no âmbito político e social, oportunizando o debate sobre os mais diferentes acontecimentos cotidianos. De acordo com os dados de 2024, o X possui mais de 500 milhões de internautas ativas/os mensalmente, com cerca de 200 milhões de usuáries/os diariamente.

Não podemos desconsiderar, portanto, o alcance e a relevância das informações que circulam a todo instante em redes sociais como o X, com as práticas ciberfeministas constituindo-se como importantes estratégias de resistência ao denunciarem/questionarem as múltiplas violências cotidianas. As redes sociais impulsionam um dos elementos centrais do movimento feminista, que realiza um convite para acompanharmos as demandas políticas e, mais do que isso, criarmos estratégias de resistência contra as opressões que sofremos, acreditando que coletivamente é possível ampliarmos a luta contra essas violências (Diniz; Gebara, 2022).

No contexto cibercultural, apostamos no poder dessa coletividade acima mencionada e tensionamos: o que o campo da Educação pode aprender com as práticas ciberfeministas? Se defendemos que a Educação tem o potencial de provocar transformações políticas, sociais e culturais, então reconhecemos que o ativismo feminista forjado (não somente, mas principalmente) pelas mulheres nas redes mostra, desde já, o importante papel do ciberespaço na formação daquelas/es que buscam “chacoalhar” as estruturas sociais em prol de mudanças.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Palavras-chave: Ciberfeminismo. Feminismo. Cibercultura. Educação.

REFERÊNCIAS

- DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. *Esperança feminista*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.
- LE MOS, André. Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. In: LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 21-31.
- MELO, Hildete Pereira; THOMÉ, Débora. *Mulheres no poder, histórias, ideias, indicadores*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 2018.
- POZZANA, Laura; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 52-75.

RITTA, Siliara Borges. *Elas que lutam: diálogos entre ciberfeminismo e a educação escolar como prática para liberdade*. 2021. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021

SANTOS, Edméa. *A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos*. In: FONTOURA, Helena Amaral; SILVA, Marco (Orgs.). 135 Práticas pedagógicas, linguagem e mídias: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011, p. 75-98.